

CAPÍTULO 16

DO HETEROSSUORTE AO AUTOSSUORTE: SEXUALIDADE, GÊNERO E O SUPORTE FAMILIAR

Nicolle Tancman Candido da Silva

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo compreender as formas como as questões de gênero e sexualidade impactam as famílias. A reflexão acerca do tema é extremamente importante, sendo necessária uma constante revisão do assunto. Isto porque, além de ser algo inerente à natureza do indivíduo, é também cultural; nesse sentido, ocorrem transformações importantes na temática à medida que a sociedade vai revendo seus valores. A fase do desenvolvimento entendida como marcante nestas questões é a adolescência, sendo os pais considerados como uma fonte importante de prestação de heterossuporte que pode contribuir no desenvolvimento do autossuporte dos filhos e também para uma vivência mais autêntica. A abordagem teórica é a Gestalt-terapia. A pesquisa tem natureza qualitativa e foram selecionadas publicações de autores renomados para embasar este artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Gestalt-terapia. Heterossuporte. Autossuporte. Sexualidade. Gênero. Família. Adolescência.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho busca entender como que a família lida com as questões ligadas à sexualidade e gênero dos seus filhos, passando pelas fases do desenvolvimento.

Será abordada brevemente a história da sexualidade humana, com a finalidade de entender como as religiões se envolviam nessas questões e o reflexo disso nos tempos atuais. Além disso, serão mencionadas as conquistas em termos de liberdade sexual no Brasil e a década que mais marcou esse período.

O conceito amplo e dinâmico da sexualidade, que vai além dos órgãos genitais, enfatizando a relação com a personalidade do indivíduo, também se encontra presente neste estudo.

Alguns conceitos da abordagem gestáltica serão trazidos e relacionados com o tema proposto.

Como é na adolescência que normalmente acontecem transformações no corpo, que despertam maior interesse sexual, aliado ao fato de que também ocorre a busca de identidade, ou seja, “quem sou eu?”, “o que eu gosto?”, será versado um pouco sobre essa fase do desenvolvimento.

As expectativas sociais quando se fala de gênero, como isso reflete no sistema familiar e as problemáticas que envolvem a forma como cada ser humano se identifica são dispostas nesta pesquisa.

Será explicada a importância da família na prestação de heterossuporte, já que é nesse ambiente que o indivíduo construirá suas relações iniciais e poderá sentir segurança nos momentos em que surgirem angústias e indagações, lhe propiciando o desenvolvimento do autossuporte.

Por fim, é demonstrado como que o psicoterapeuta da abordagem gestáltica pode atuar, a fim de ajudar as famílias a se conectarem e fortalecerem seus vínculos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo da sexualidade vem ganhando cada vez mais importância em função da dinâmica social e construção de novos valores. É algo inerente ao indivíduo e leva em conta de que não se deve considerar apenas as genitálias como fonte restrita ao estudo. A forma de compreensão dos conceitos abordados vem se modificando à medida que a sociedade muda.

Esse tema é tão relevante que, apesar do engajamento de grupos para uma aceitação maior do comportamento social relativo à sexualidade, ainda é um tema carregado de preconceitos por grande parte da sociedade e em muitas ocasiões pode ser considerado um tabu a qualquer discussão e compreensão de mundo. Nesse sentido, pode se afirmar que causa sofrimentos porque não se identifica empatia, podendo inclusive provocar repressão. É necessário lembrar que a sociedade é plural e todas as pessoas devem ser respeitadas e compreendidas, independentemente de sexo, gênero, credo, raça etc.

Ao decorrer da história, as pessoas foram reprimidas nas questões que envolviam principalmente o sexo. As religiões usavam o nome de Deus para controlar a vida das pessoas, principalmente das mulheres. Em relação ao comportamento, ensinavam que o sexo era algo ruim, gerando medo nos fiéis, conforme nos mostra Dabhoiwala (1969):

[...] ficava claro na Escritura (ex. 1Cor 7,5), e em inúmeros ensinamentos posteriores, que o enorme prazer que o sexo podia proporcionar não passava de uma armadilha de Satã, o que fazia dele o pecado mais perigoso de todos (DABHOIWALA, 1969, p. 23).

Ele aponta que “a tolerância sexual cresceu a partir da tolerância religiosa.” Apesar disso, até hoje, é possível constatar casos de intolerância sexual envolvendo algumas religiões e, como muitas famílias estão inseridas nestas instituições, acaba dificultando o apoio dos pais

de forma plena com relação à sexualidade dos filhos, já que as igrejas são importantes formadoras de opinião. Contudo, esse cenário vem mudando.

Recentemente, de acordo com a CNN Brasil (2022) no Vaticano, o Papa Francisco, que é o mais importante líder da Igreja Católica, pediu que os pais não condenem os filhos homossexuais, mas que ofereçam apoio. Em outra oportunidade, o Papa Francisco já havia declarado que gays têm os mesmos direitos de ser aceitos pelas famílias e que, embora a igreja não aceite o casamento religioso de pessoas do mesmo sexo, ela pode apoiar leis de união civil. Isso é um avanço e, com o passar do tempo, serão percebidos os impactos na realidade das famílias.

Voltando para o passado, no Brasil da década de 1970, segundo Pinto (2002), houve vários acontecimentos marcantes no tema da sexualidade, dentre eles: o surgimento da pílula anticoncepcional, que tinha como consequência a possibilidade de fazer sexo de uma forma mais livre; o entendimento de que ser homossexual não é estar doente e, portanto, não precisa ser curado; e, também, a masturbação passou a ser considerada como algo saudável. São marcos na sociedade que permitiram alterações de pensamento e comportamento.

Pinto (2015) ensina que a sexualidade é entendida como parte da personalidade que, juntamente com as questões genéticas, compõem a corporeidade do indivíduo. O conceito de corporeidade é trazido de uma forma bem didática por Alvin (*apud* FRAZÃO *et al.*, 2016, p. 23), quando diz que “a corporeidade é a experiência vivida do corpo no mundo” e que se assemelha com o conceito de corpo da Gestalt-terapia. A autora também nos traz a definição:

[...] corpo também não se limita à dimensão física ou material de um corpo biológico, ossos, músculos, órgãos. Considera, também, a vitalidade do corpo, sua condição de organismo vivo com uma natureza que tende ao equilíbrio, se ajusta e comunga com outros organismos de tendências, por assim dizer, universais (ALVIN *apud* FRAZÃO *et al.*, 2016, p. 23)

Dessa maneira pode-se entender a sexualidade como uma parte da identidade do indivíduo, que não se limita ao corpo físico, mas também sobre como se dá essa interação com o meio e a cultura do lugar que habita e dos ajustes criativos que fará. Isto significa que, quanto mais saudável forem os ambientes que esse indivíduo atravessar ao longo da vida, melhor para que consiga viver de forma mais autêntica.

A partir da ideia de que o ser humano é visto como um todo, porém composto de partes individuais que o tornam único, Pinto (2015, p. 25) entende o homem como um ser animobiopsicocultural. Dessa forma, compreende-se a importância de vários aspectos para compor a personalidade, sendo que nenhum deles, de forma isolada, é determinante.

Quando consegue-se ter um autossuporte para que se consiga lidar com os intemperes da vida, a fim de buscar a autorregulação de forma saudável, os desafios apresentados podem ser vividos e enfrentados sem que o ser humano perca sua autenticidade. Até porque, como dizia Sartre (*apud* FRAZÃO *et al.*, 2013, p. 5), “não importa o que fizeram a você, mas o que você faz com o que lhe fizeram”.

Esse processo de desenvolvimento do autossuporte acontece ao longo da vida, tendo a família e a escola um papel fundamental na prestação de heterossuporte, já que fazem parte dos primeiros locais de inserção social do indivíduo, onde aprende os costumes e valores que vão nortear, em um primeiro momento, suas tomadas de decisões, até que possa refletir e, assim, fazer as suas próprias escolhas, o que normalmente se inicia na adolescência, período no qual vão em busca de sua identidade, sendo, para tanto, o contato com o meio algo fundamental.

É na adolescência, período marcado pela busca por pertencimento e senso de *self*, assim como pelas transformações corporais (como, por exemplo, o aparecimento de pelos, crescimento dos seios e a menstruação), que se intensifica as relações sociais. Nesse sentido, Zanella (2013, p. 9) afirma que nessa fase do desenvolvimento ocorre o despertar para o amor romântico e para a sexualidade e, por conseguinte, podem surgir muitas angústias e questionamentos, principalmente em relação à sexualidade. Para Mirabella (*apud* ZANELLA 2013, p. 12), “alguns adolescentes passam por essa fase de uma forma mais tranquila, dependendo de como têm se constituído até então e, também, do suporte que têm recebido, principalmente dos seus familiares.”

Para Costa, Pacheco e Silva (2007), que revelam um pouco da adolescência em seus estudos, é na adolescência que uma nova imagem corporal é formada.

Na adolescência as mudanças físicas correlacionadas com as mudanças psicológicas levam o adolescente a uma nova relação com os pais e com o mundo. Essa nova fase vem marcada por um processo de perdas, ou seja, a perda do corpo infantil, a perda dos pais da infância e a perda da identidade infantil. Quando o adolescente vive todo esse processo, ele se inclui no mundo com um novo corpo já maduro e uma nova imagem corporal formada, e é essa a grande função da adolescência, a busca da identidade que ocupa grande parte de sua energia e nesse sentido a sexualidade na adolescência se evidencia de forma acentuada (COSTA; PACHECO; SILVA, 2007, p. 24).

Neste sentido e fazendo uma correlação da adolescência com a sexualidade humana, verifica-se que é na adolescência que vários fatores podem contribuir para a saúde física e mental do indivíduo. A família é muito importante para desenvolver o autossuporte. É necessário um ambiente, um relacionamento seguro, independente da dificuldade de serem pais

e filhos de gerações diferentes. Inclusive, os pais podem ser beneficiados pela oportunidade de vivenciar novos valores diferentes aos aculturados ao longo de sua jornada.

É importante, para fins didáticos, fazer uma diferenciação de nomenclatura, pois “orientação sexual” e “educação sexual” não se confundem. Segundo Pinto (2002, p. 5) e conforme a terminologia proposta pelos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), é designada: “a expressão ‘Orientação Sexual’ para o trabalho realizado na escola e a expressão ‘Educação Sexual’ como relativa à moral sexual familiar e social com a qual a criança se depara desde o seu nascimento” (PINTO, 2002, p. 5).

Então, entende-se que cabe aos cuidadores dos menores a educação sexual, ou seja, ajudar a lidar com as questões e os desafios ligados à sexualidade que vão sendo apresentado desde que esse ser chega ao mundo, a fim de que possa passar pelas fases do desenvolvimento de uma forma mais harmoniosa, sabendo que terá apoio.

Como já dito anteriormente, o conceito de sexualidade é amplo e não pode ser reduzido ao ato sexual, já que envolve a cultura, ajudando na formação da personalidade do indivíduo. Conforme Pinto (2002, p. 6):

A sexualidade humana é mais ampla que o puramente instintual e não se limita apenas na busca de um parceiro e nem se reduz apenas à união dos órgãos genitais no coito. A sexualidade humana é permeada de símbolos que direcionam o desejo e são por ele direcionados (PINTO, 2002, p. 6)

Quando se tem a notícia de uma gravidez, a primeira pergunta que muitos fazem é qual é o sexo? Muitas expectativas são colocadas desde então. A sociedade, ainda hoje, tem uma idealização daquilo que se espera de comportamento de cada gênero. Brinquedos, cores, roupas, são exemplos vistos, apesar dos movimentos sociais que lutam por uma neutralidade e respeito ao indivíduo pelo que se é independente de qualquer coisa.

Ao longo da história de cada ser humano, conforme vai entrando em contato com o mundo e seu próprio corpo, muita coisa pode acontecer em se tratando de sexualidade e gênero.

Cabe aqui, para melhor compreensão, trazer a definição que Pereira *et al.* (2021, p. 53) traz sobre orientação afetivo-sexual: “orientação afetivo-sexual é quando nos referimos sobre o que o ser humano sente na sua fronteira de contato, o que o atrai e quais relações permitem um encontro satisfatório na fronteira de maneira que atendam suas necessidades afetivas e sexuais” (PEREIRA *et al.*, 2021, p. 53).

Essa atração pode ser pelo mesmo gênero ou pelo oposto ou pelos dois. Isso não é algo cristalizado, ou seja, pode acontecer mudanças no decorrer da existência.

Pereira *et al.* (2021, p. 53) também definem a identidade de gênero como um senso de self, ou seja, em relação ao indivíduo:

[...] as identidades de gênero se referem à maneira como ele se vê, a relação dele com ele mesmo, dele com seu corpo, de como ele se percebe, de como ele se identifica, de como ele existe e não necessariamente com quem ele se relaciona ou com quem ele desperta desejo, em um contexto bem subjetivo e individual (PEREIRA *et al.*, 2021, p. 53).

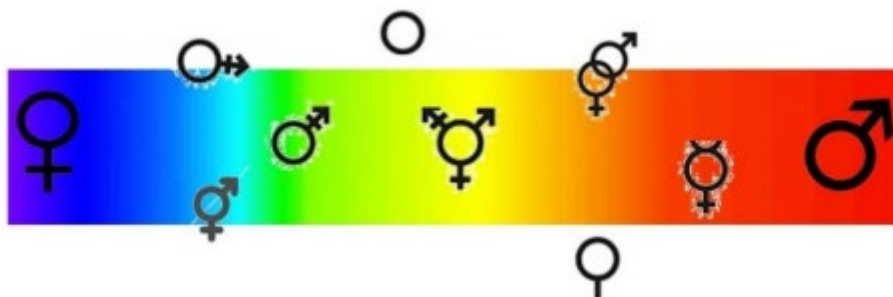
Dessa maneira, dentro da diversidade de gêneros, enquanto a pessoa cisgênera é aquela que se identifica com o gênero que lhe foi atribuído ao sexo biológico, a pessoa transgênera é aquela pessoa que nasce com características marcadas socialmente como de um gênero, inclusive o órgão sexual, mas se percebe e se identifica com o gênero oposto.

Existem pessoas que se reconhecem como não-binárias, que são aquelas que não se identificam com a dualidade de gêneros clássicos, que tradicionalmente dividiu as pessoas em meramente homens ou mulheres. Ao contrário, as pessoas não-binárias vão além desses conceitos, assumindo identidades como bigênero, agênero, demigênero, pangênero e gênero fluido, entre tantas outras

De acordo com Reis *et al.* (2016, p. 8):

Cabe, aqui, explicar o gênero como um espectro, isto é, entendê-lo como flutuante na linha entre os polos feminino e masculino – ou mesmo que abandona essa linha (Figura 1). Essas flutuações também são pensadas para as relações afetivas e/ou sexuais dos sujeitos, por vezes também abandonando as delimitações de orientação sexual (REIS *et al.*, 2016, p. 8).

Figura 1: Espectro de gênero. O polo vermelho simboliza o a identidade 100% feminina e o azul, 100% masculina. Nas cores do espectro entre os polos e fora da linha se localizam os inúmeros gêneros não-binários – meramente representados por alguns ícones já definidos.



Fonte: Autoria Própria (2022).

Qualquer pessoa é suscetível a conflitos de identidade sexual e de gênero em algum momento da vida. A busca e a confirmação pela identidade sexual e de gênero autênticos não é simples, mas tende a ser menos sofrida quando há o apoio da família.

Em uma entrevista disponível em vídeo no Youtube, através do depoimento de três pessoas não-binárias sobre como a família reagiu à notícia, HMC (2021, dos 7 min. e 11 seg. aos 8 min. e 12 seg.) mostra a importância da aceitação, apoio e acolhimento familiar.

Quando os pais conseguem passar para o filho a mensagem de que estará ao seu lado, respeitando suas escolhas, ainda que precisem rever seus valores, conseguem ajudar a fortalecer a autoestima e, conseqüentemente, o autossuporte, assim como, dessa maneira, contribuir para que o filho haja de forma autêntica e reduza o sofrimento ao passar pelo dilema existencial, conforme Antony (2007), “o dilema existencial do indivíduo: ser o que sou ou ser o que esperam que eu seja? Ter uma personalidade espontânea ou deliberada?”

É na família que quase sempre é o primeiro lugar de inserção social do ser e onde serão passados os valores que até então os pais têm como verdadeiros. Contudo, caso esses valores sejam impostos em contraste aos valores que os próprios filhos percebem e descobrem ao longo da existência, seja na infância, na adolescência ou na fase adulta, dá-se o dilema existencial podendo levar a um bloqueio de contato conhecido como introjeção.

Importa trazer aqui a definição de introjeção que, segundo Antony (2009, *apud* MING-WAU *et al.*, 2019): “A introjeção é a internalização de crenças, valores e atitudes que são transmitidos pela família e pelo ambiente durante o crescimento e desenvolvimento da criança e que repercute na sua existência e interfere nas suas experiências futuras.” (ANTONY, 2009, *apud* MING-WAU *et al.*, 2019, p. 28).

Essa introjeção pode se dar de maneira saudável, conforme Pereira e Agostinho (2015, p. 290, *apud* ZANELLA, 2013):

Sendo a família o principal contexto no qual as crianças desenvolvem competências que vão adquirindo com o apoio dos adultos de referência, a interação pais-filhos e os cuidados parentais constituem-se como o recurso emocional e cognitivo mais importante para o desenvolvimento emocional, intelectual e comportamental (AGOSTINHO, 2015, p. 290, *apud* ZANELLA, 2013 p. 23).

Por outro lado, quando a introjeção acontece em demasia forma o bloqueio de contato. De acordo com Perls (1977, p. 48):

A introjeção, pois, é o mecanismo neurótico pelo qual incorporamos em nós mesmos normas, atitudes, modos de agir e pensar, que não são verdadeiramente nossos. Na introjeção colocamos a barreira entre nós e o resto do mundo tão dentro de nós mesmos que pouco sobra de nós (PERLS, 1977, p. 48).

É possível observar, pois, a importância dos pais no processo de confirmação da autenticidade dos filhos para estes que possam agir de forma livre e genuína ao ser relacionar com o mundo.

Ao receber a família na clínica, o psicólogo pode ajudar pais e filhos a se comunicar de uma forma na qual haja a escuta e o respeito às necessidades de todos os envolvidos. Silveira, Brandão e Gomes (*apud* ZANELLA, 2013) propõem um olhar para a parentalidade positiva ao afirmar que:

A parentalidade positiva demanda uma reflexão profunda sobre a qualidade dos vínculos parentais e como estes reverberam nos processos de comunicação, advertindo acerca dos riscos e dificuldades decorrentes de lares pouco vigilantes (SILVEIRA; BRANDÃO; GOMES *apud* ZANELLA, 2013, p. 5).

Tal intervenção visa ajudar famílias a se conectarem, de forma que exista o acolhimento das emoções e uma escuta empática, na qual os pais possam servir como heterossuporte, no intuito de confirmar o filho em sua existência, qualquer que seja a situação, inclusive quanto a gênero e sexualidade.

Outra técnica apontada pelos autores é a Comunicação Não Violenta (CNV) de Marshall B. Rosenberg (2006):

Trabalhamos com os adolescentes e suas famílias a relevância de primeiro observarem as situações sem julgamentos nem avaliações, atendo-se a expressar o que lhes agrada ou não naquilo que o outro está fazendo. Encorajamos que busquem identificar como estão se sentindo diante de determinada ação. Podemos auxiliar os clientes a reconhecer quais necessidades estão ligadas aos sentimentos identificados. Então, torna-se mais viável a elaboração de um pedido mais específico que promova enriquecimento e encontro (SILVEIRA; BRANDÃO; GOMES *apud* ZANELLA, 2013, p. 23).

Os manejos apontados são apenas dois exemplos de como o terapeuta pode auxiliar as famílias que vão para a clínica com diversas questões, inclusive as ligadas ao tema gênero e sexualidade, a construírem uma relação de respeito diante das diferenças individuais apresentadas no grupo.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho demonstrou que a forma como a família lida com as questões da sexualidade e de gênero dos seus filhos desde a infância pode contribuir para uma vivência mais autêntica.

Foram observados: como algumas instituições, sobretudo igreja e escola, influenciam nesse processo de confirmação da autenticidade; a diversidade existente no tocante à sexualidade e gênero; e como o psicólogo, na abordagem da Gestalt-terapia, pode atuar na prática para ajudar as famílias.

Ao longo da história, as religiões foram usadas como instrumentos de repressão da sexualidade e de controle, principalmente, da mulher, através da disseminação do medo. Tal

passado ainda resvala nas famílias da atualidade, o que acaba dificultando o apoio dos pais de forma plena com relação à sexualidade dos filhos, já que as igrejas são importantes formadoras de opinião. Contudo, esse cenário vem mudando, uma vez que a tolerância sexual tem melhorado a partir de vários fatores, entre eles, uma tolerância religiosa mais evidente.

O conceito da sexualidade, baseada em diferentes autores, foi trazido diversas vezes ao longo da pesquisa, o que justifica a importância do conteúdo apresentado.

Alguns conceitos da Gestalt-terapia foram apresentados durante o texto, em especial o conceito de introjeção.

O texto procurou revelar algumas problemáticas que envolvem a forma como cada ser humano se identifica, as expectativas sociais quanto ao gênero e de que maneira isso reflete no sistema familiar.

A fase do desenvolvimento que mais está presente no estudo é a adolescência, principalmente porque é nela que se tornam mais evidentes as questões ligadas à identidade de gênero e à sexualidade.

O profissional que atua com famílias na abordagem da Gestalt-terapia tem como contribuir buscando trazer a experiência do contato de forma saudável. É muito importante buscar apresentar a essa família formas criativas de ajustes, possibilitando novas percepções para o novo que se apresenta naquele sistema. A comunicação não violenta e a parentalidade positiva são ferramentas propostas.

REFERÊNCIAS

ANTONY, S. A criança em desenvolvimento no mundo: um olhar gestáltico. Rio de Janeiro: **IGT na Rede**, v. 3, n. 4, 29 ago. 2007. Disponível em: <http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/50> Acesso em: 05 maio 2022.

CNN BRASIL (Brasil). Apoie seus filhos caso eles sejam gays, diz Papa Francisco aos pais: em audiência semanal, Francisco mencionou dificuldades na criação dos filhos, incluindo "não se esconder atrás de uma atitude de condenação". São Paulo: **CNN**, 26 jan. 2022. p. 2-2. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/apoie-seus-filhos-caso-eles-sejam-gays-diz-o-papa-francisco-aos-pais/> Acesso em: 09 fev. 2022.

COSTA, J. F. da; PACHECO, Z. M. L.; SILVA, G. A. da. **Compreendendo a sexualidade dos adolescentes**. Belo Horizonte: Revista Mineira de Enfermagem, 2007. Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/334> Acesso em: 05 out. 2021..

DABHOIWALA, F. **As origens do sexo: uma história da primeira revolução sexual.** Tradução: Rafael Mantovani. 1. ed. São Paulo: Globo, 2013. Tradução de: The origins of sex: a history of the first sexual Revolution.

REIS, N.; PINHO, R. Gêneros Não-Binários: Identidades, Expressões E Educação. **Reflexão e Ação**, v. 24, n. 1, p. 7-25, 28 abr. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/7045> Acesso em: 11 abr. 2022.

FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas** [recurso eletrônico] / organização Lilian Meyer Frazão, Karina Okajima Fukumitsu. 1. ed. São Paulo: Summus, 2013.

FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. **Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia** [recurso eletrônico] / organização Lilian Meyer Frazão, Karina Okajima Fukumitsu. São Paulo: Summus, 2016.

HMC, P. **Pessoas Não-Binárias Respondem: O que é ser não-binário? Como chamar? Qdo percebeu?** Youtube, 8 jun. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uu4PEFhV8N0> Acesso em: 11 abr. 2022.

HMC, Pedro. **Um livro para ser entendido.** 1. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

PERLS, F. S. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia.** Rio de Janeiro: LTC, 1988. Tradução de: *The Gestalt Approach e Witness to Therapy.* Palo Alto: *Science and Behavior Books*, 1973. Disponível em: https://gmeaps.files.wordpress.com/2016/12/abordagem-gestc3a1ltica-e-testemunha-ocular-da-terapia_fritz-pearls.pdf Acesso em: 05/05/2022.

PINTO, Ê. B. **A GESTALT-TERAPIA E A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA.** Disponível em: <http://www.eniobritopinto.com.br/wp-content/uploads/2019/01/2002-a-gestalt-terapia-e-a-orientacca7acc83o-sexual-na-escola-1.pdf> São Paulo: EBP, 2002. Acesso em: 02 out. 2021.

PINTO, Ê. B. **Elementos para uma compreensão diagnóstica em psicoterapia: O ciclo de contato e os modos de ser.** São Paulo: Summus, 2015.

ZANELLA, R. **A Clínica Gestáltica Com Adolescentes: Caminhos Clínicos E Institucionais** [recurso eletrônico] / organização Rosana Zanella. São Paulo: Summus, 2013.